



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/exu-caveira/>

Exu Caveira: na encruza da Universidade

Hannyn Barbara Alves Garcia[1]

Natalia Francisca Pereira Franco[2]

Caroline Barroncas de Oliveira[3]

RESUMO: Encontramos a Universidade em uma encruzilhada, propondo uma lavagem da palavra. Então, em conjunto com Exu Caveira, reunimos imagens que conversam e desestabilizam a vaidade da Universidade. A palavra, que já foi caminho, lugar de circulação e legitimidades, em sua potência cósmica, sente os acontecimentos nos poros do osso.

PALAVRAS-CHAVE: Exu Caveira. Universidade. Encruzilhada.

Exu Caveira: in the University's Crossroads

ABSTRACT OU RESUMEN: We encountered the University at a crossroads, proposing a washing of the word. Then, together with Exu Caveira, we gathered images that converse and unsettle the University's vanity. The word once a path, a place of circulation and legitimations, in its cosmic potency, feels events in the pores of the bone.

KEYWORDS: Exu Caveira. University. Crossroads.



Lavando a palavra

Lavar a palavra universidade é abrir os poros da dita ciência, deixar que a pele rígida da instituição seja atravessada pela água ao ponto de se tornar outra (pele engelhada, aberta a contaminações, superfície que ao contato com outro se transmuta). Na tradição afrodiaspórica, dos povos de terreiro, a lavagem não é apenas purificação, mas rito de deslocamento: a água expõe o que está submerso, traz para a superfície o que estava incrustado/cristalizado. Ao evocar Exu Caveira, aquele que se apresenta em ossos expostos, sem a máscara da carne, lavamos também a vaidade da Universidade e sua pretensão de separar o que é supostamente Ciência do que não é.

O termo universidade, antes de ser uma instituição formalizada, foi horizonte de comunhão. A palavra *universitas*, que aparece no latim medieval, significava originalmente “totalidade”, “conjunto”, “comunidade”, designando corporações de mestres e estudantes (*universitas magistrorum et scholarium*) que se reuniam em cidades como Bolonha, Paris e Oxford, a partir do século XII (Jaeger, 2001). Se a universidade europeia medieval nasceu como *universitas magistrorum et scholarium*, uma comunidade legalmente reconhecida de mestres e estudantes, é preciso lembrar que ela se constituiu também como lugar de legitimidade: quem está dentro produz ciência; quem está fora é relegado ao não-saber ou saberes outros, tidos como senso comum, religioso, filosófico. Essa pele rígida da universidade cartesiana assentou-se na representação e no disciplinamento do pensamento pelos modos estanques do entendimento dito científico (Foucault, 2006).

Mas a palavra universidade tem evocações outras. Pois, os sentidos da palavra remetem a tradições muito mais antigas que a medieval europeia.

Na Grécia antiga, a *paideia* constituía o ideal formativo que articulava filosofia, ciência, política e ética. Platão funda sua Academia e Aristóteles seu Liceu não como universidades no sentido moderno, mas como lugares de encontro e transmissão de saberes, em diálogo com a vida da *pólis*. Assim, a universidade, em seu sentido mais originário, foi concebida como comunidade de pensamento e prática, como horizonte de formação integral (Jaeger, 2001).

Se voltarmos ainda mais no tempo, veremos que os sumérios e acádios já registravam em tabuletas de argila listas de astros, de cálculos e de legislações, como no célebre Código de



Hamurabi. Samuel Noah Kramer (2006 citado por Machado, 2010) lembra que a escrita cuneiforme, inventada por volta de 3000 a.C., serviu para criar verdadeiros arquivos do saber. A universidade, nesse sentido, estava inscrita na argila e no fogo, como memória coletiva destinada a atravessar gerações.

No mundo árabe-islâmico e turco-persa, a ideia de universidade floresceu nas madraças e nas grandes bibliotecas, como a Casa da Sabedoria em Bagdá, no século IX, e a de Córdoba, no século X. Machado (2010), em sua tese, aponta que o ensino nas instituições islâmicas de ensino superior precedeu e influenciou o modelo europeu, tanto no método quanto na organização comunitária. Ali, o saber era concebido como rede de traduções, em que autores como Avicena e Averróis preservaram e reinventaram tradições gregas, indianas e persas. Universidade, então, era uma espécie de *caravançarai* (estalagem pública) do conhecimento: um lugar de passagem e circulação. Também os mesopotâmios e persas concebiam o saber como administração da vida e dos ciclos naturais. Machado (2010) mostra que os textos mesopotâmicos, como o Enuma Elish, e as tábuas astrológicas não separavam cosmos e corpo, deuses e homens, ritos e escrita. Nesse horizonte, a universidade era invocação e ritual, lugar onde o conhecimento organizava a própria existência cósmica.

Na Europa medieval, o termo ganha corpo institucional: *universitas* passa a designar a comunidade legalmente reconhecida de mestres e estudantes. Segundo Jacques Verger (1999), as universidades medievais consolidaram a ideia de autonomia relativa, com estatutos próprios e corpo docente-estudantil. No entanto, ao se lavar a palavra “universidade”, percebemos que ela não nasceu ali, mas carrega vestígios de muitas travessias, como da Mesopotâmia ao Islã, da Grécia ao Ocidente cristão.

O que Exu Caveira nos lembra, com sua forma de ossos expostos, é que por trás das vestes vaidosas da Universidade Ocidental sempre existiu uma travessia de muitos povos, muitas epistemes. Ele nos ensina a despir o corpo-universidade da carne que o enrijece, sendo esta carne marcada pela vaidade, exclusão, separação entre “ciência” e “não-ciência”, para lembrar o esqueleto de sua multiplicidade. Exu Caveira quando expõe seus ossos nos mostra que é feito de uma estrutura que só permanece de pé porque está em relação, em interdependências, em vulnerabilidades.

Abrir os poros da universidade significa permitir que nela ressoem outros modos de ciência, que



escapem do assentamento cartesiano. **Como lembra Foucault (2013), a crítica é o gesto de interrogar os limites do que somos e pensar diferente do que pensamos.** O que seria da universidade sem caminhos para pensarmos e fazermos aproximações com o mundo? **Deleuze e Guattari (1997) afirmam que o método é movimento, não caminho fixo, e que criar conceitos é abrir devires. Se aceitarmos a lição de Exu Caveira como método para abrir possíveis, poderemos deslocar a universidade de espaço legitimador para espaço acontecimento: não mais pele impermeável, mas corpo-poroso, encruzilhada de ciências.**

Nesse sentido, lavar a palavra universidade é devolver a ela o seu caráter de palavra-rio, que atravessa culturas, línguas e histórias. Universidade não como tribunal da ciência, mas como encruzilhada viva, onde a vulnerabilidade dos ossos expostos se torna potência de travessia.

Despir-se da carne

Bate-se o tambor, na encruzilhada, o ponto de bananeira.

Lá deixamos nossa pele

Pele que já não dilatava mais nossos poros.

Queremos ouvir agora com os ossos.

As calcificações, sim, cheias de porosidades, despidas do maior órgão do nosso corpo.

Deixou de ser vivo por isso?

As intensidades da pele já não me bastavam; quero sentir mais.

Tive que me despir da vaidade,

A vaidade da academia.

Os olhos já não viam, a boca já não falava.

Tremia e ouvia o som dos ossos.

Caminhava pelos arredores como quem não quisesse ensinar nada,
encontrava-me com outros corpos.

Queriam que me cobrisse, queriam me dar a carne do corpo,

Mas já não me via nela.



Ela estava incrustada, intoxicada de verdades, enrijecida.

Sentia vontade de queimá-la,
Para virar memória coletiva em cinzas
E girar o mundo como se fosse brisa.

Meu corpo não deixa de ser menos corpo por estar despido da pele,
Só não quero me cruzar com o que diminui minha força cósmica.

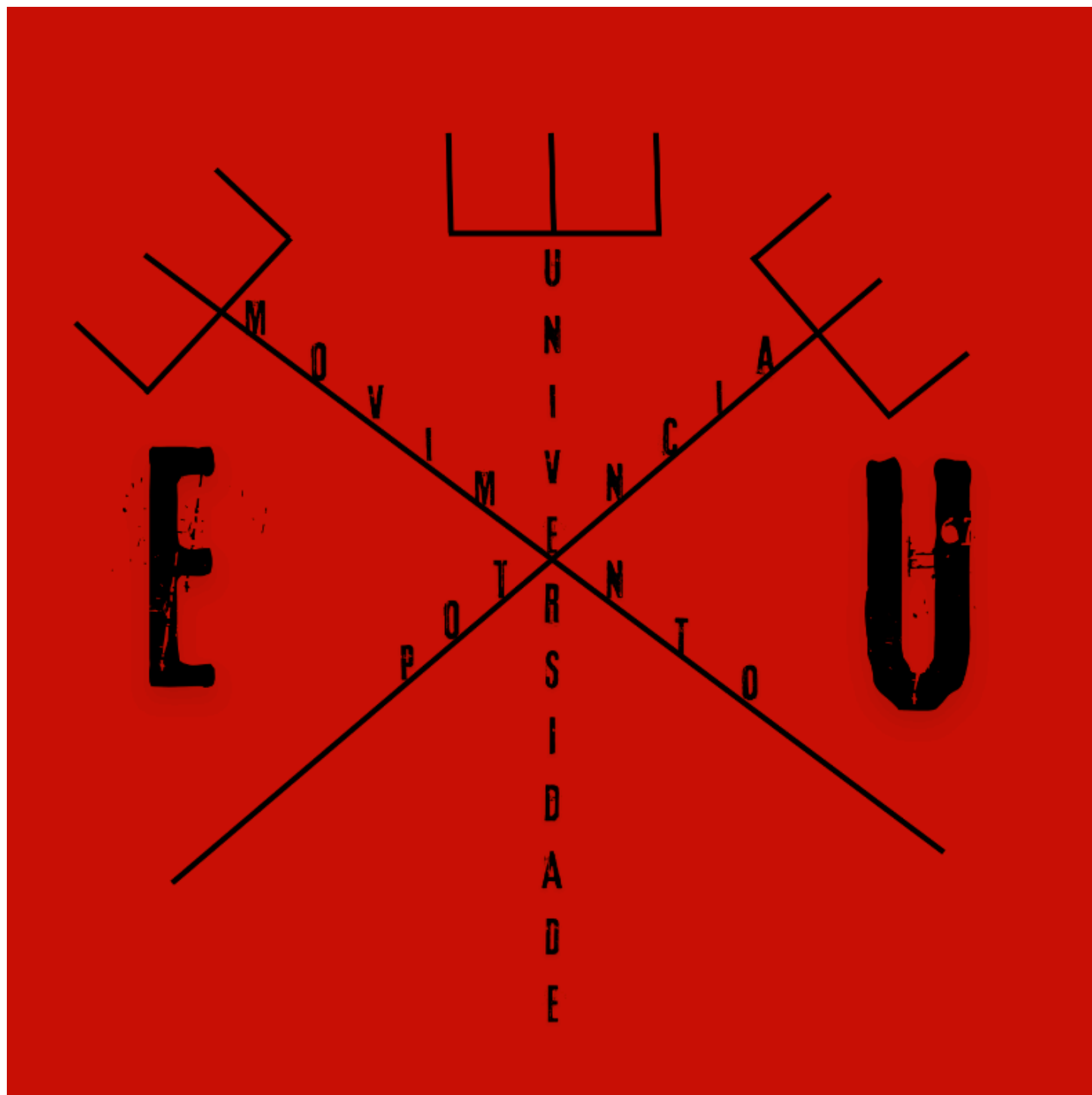
Mas se esqueceram de que, por baixo da pele de cada um,

Havia a caveira.

Laroye, Exu Caveira!



Título: Desencarne – Série 1



Fonte: Hannyn Barbara Alves Garcia.

Ficha Técnica: Arte digital em recurso do Canva.



Título: Desencarne – Série 2



Fonte: Hannyn Barbara Alves Garcia.

Ficha Técnica: Mista, desenho digital e fotografia.



Título: Desencarne – Série 3



Fonte: Hannyn Barbara Alves Garcia.

Ficha Técnica: Mista, desenho digital e fotografia.



Título: Desencarne – Série 4



Fonte: Hannyn Barbara Alves Garcia.

Ficha Técnica: Mista, desenho digital e fotografia.



Título: Desencarne – Série 5



Fonte: Hannyn Barbara Alves Garcia.

Ficha Técnica: Mista, desenho digital e fotografia.



Lavar os ossos

Lavar a face com fogo
E nascer da terra
Tentou mais uma vez
Captar o elo ancestral

Quebrando os vidros que impediam o grito
Nas encruzilhadas nasceu do barro
Mineralizou os ossos
E sentiu os destroços
De uma dita academia presunçosa
Morreu de sua carne
Sua vaidade

Exu Caveira ri da morte
Já que há apenas cruzos
Queima a carne da vaidade
E do seu pó faz outro

É seu cálcio que corre nas veias da terra
Até a carne mais densa treme
Se mineralizando no cosmos
Catedrais estilhaçaram no solo

No osso grita a lembrança dos que vieram antes
O tribunal queima
Sua carne apodrece
No rastro de sua decomposição
Inventam-se outros nomes
Do estilhaço da catedral nasce o abaçá

Exu Caveira do pó faz outro
No estilhaço da lavagem do osso
O mundo se reencanta



Título: Renascimento Telúrico – Série 1



Fonte: Natalia Francisca Pereira Franco.

Ficha Técnica: Colagem digital.



Título: Renascimento Telúrico – Série 2



Fonte: Natalia Francisca Pereira Franco.

Ficha Técnica: Colagem digital.



| FICHA TÉCNICA |

Desencarne, Hannyn Barbara Alves Garcia, Arte Digital: técnicas mistas, desenhos digitais, fotografias e diagramação em ferramenta Canva. Mestrado de Educação em Ciências na Amazônia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Brasil, 2025.

| FICHA TÉCNICA |

Renascimento Telúrico, Natalia Francisca Pereira Franco, Arte Digital: técnica de colagem digital. Mestrado de Educação em Ciências na Amazônia. FAPEAM. Brasil, 2025.

Bibliografia

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros.** Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MACHADO, Cristina de Amorim. **O papel da tradução na transmissão da ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu.** Rio de Janeiro, 2010. 273p. Disponível em: file:///C:/Users/Info/Downloads/O_papel_da_traducao_na_transmissao_da_ci.pdf

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em : https://www.academia.edu/22044275/Werner_Jaeger_Paid%C3%A9ia_A_forma%C3%A7%C3%A3o_do_homem_grego

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1988.

VERGER, Jacques. **As universidades na Idade Média.** São Paulo: Edusp, 1999.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/10/2025





[1] Universidade do Estado do Amazonas. Email: hbag.mca24@uea.edu.br

[2] Universidade do Estado do Amazonas. Email: nfpd.mca24@uea.edu.br

[3] Universidade do Estado do Amazonas. Email: cboliveira@uea.edu.br